

Como medir o tempo no espaço Análise semiótica do relógio de pulso¹

Andrea Semprini
Université de Lille

Os objetos possuem escritos, neles mesmos, os valores e as crenças de uma sociedade. A análise sócio-econômica da evolução dos relógios de pulso no século XX permite elucidar a evolução das atitudes e das ideologias frente à temporalidade na cultura ocidental. Uma tipologia tripartite está sendo proposta: os relógios referenciais, os relógios enuncivos e os meta-relógios. Cada tipo de relógio está ligado a um contexto sócio-cultural dado, que apresenta uma organização própria do plano de expressão e gera um discurso específico sobre o tempo.

1 – A semiótica dos objetos

Há muito tempo se considera os objetos, as coisas, como a quintessência da materialidade. O objeto, já foi dito, remete ao real, ao visível, ao tangível. Se poderá quase dizer que o real é o que é juntamente porque tem a capacidade de povoar as coisas, que nós definimos através desse testemunho, genericamente, como os objetos. Raramente, na vida cotidiana, nós nos damos a refletir sobre o papel crucial representado pelos objetos na determinação da percepção e da recepção no nosso meio ambiente. Basta pensar na nossa reação de mal estar, de hesitação, de precaução e, algumas vezes mesmo, de angústia, quando nós nos encontramos em um cenário povoado por objetos que nos parecem estranhos. Estranhos porque longe de nosso universo emotivo de referências, ou estranho porque distante do nosso universo cognitivo de referência. Nesse caso, os objetos não nos falam justamente porque eles nos são estranhos. Por outro lado, eles não nos falam porque nos são desconhecidos.

Mas pôr em discussão a natureza objetual do objeto é colocar em relevo o estatuto semiótico e comunicativo do objeto e aí estão dois movimentos do mesmo percurso teórico. E, também por isso, é passível de se reconhecer que o objeto significa, que ele fala e que o seu discurso é de enorme importância para a compreensão do meio ambiente humano e sócio-cultural do seu entorno. Se o objeto para Marx é uma mercadoria que cristaliza um valor, se para Baudrillard¹ ele é um signo de intercâmbio, para a semiótica o objeto é um texto, que em algumas ocasiões estende sua significação e aguarda a cooperação interpretativa de um usuário para transportar suas virtualidades ao estado de manifestação. Se isto é verdadeiro para todos os objetos em geral, é muito mais verdadeiro para os objetos afastados da nossa civilização contemporânea, marcada fortemente pela multiplicação e pela onipresença dos objetos em todos os momentos e em todas as ocasiões da vida cotidiana.

Sempre indissociável de um contexto histórico e de um meio ambiente sócio-cultural dado, o objeto mostra seu estatuto ambivalente e dialético. O objeto fala sua época ao mesmo tempo em que esta fala por ele; porque ele carrega escrito nele mesmo, com suas formas e em suas características, poderíamos dizer, em sua carne, os estigmas, as crenças de uma época, os valores dominantes, os conhecimentos científicos, a identidade social, a doxa cultural, em uma palavra: a *épistémè* de uma sociedade. Mas ele também fala, porque é a partir do objeto, de sua objetividade concreta e observável que se pode identificar, reconstruir e melhor compreender essa *épistémè*. A análise semiótica dos objetos torna-se assim a uma espécie de arqueologia, não mais das práticas culturais, mas do que resulta delas e não das menores dessas práticas: os objetos.

¹ Artigo publicado na revista *Prottée*, número organizado por E. Landowski e G. Marrone, 2001. Tradução para o português de Gilberto Kunz. Colaboração e revisão: Leticia Nassar.

2 – A escolha dos relógios

A decisão de empreender uma análise dos relógios merece algumas explicações. Com efeito, por quê os relógios? O estudo desses objetos nos parece interessante, pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, porque o relógio é um objeto de medição, em segundo, porque a grandeza medida é o tempo. Tanto é assim, que o objeto de medição, o relógio, aparenta-se a toda uma armadura completa, porém, articulável. Enquanto objeto de medição, o relógio assemelha-se a uma panóplia de outros instrumentos, de utilização mais ou menos corrente, cuja função é de fornecer a medida de um fenômeno qualquer ou de uma grandeza física termométrica, barométrica, contar os quilômetros e assim em diante. Nesse sentido, se poderia dizer que o relógio participa de um paradigma muito vasto, caracterizado por uma vocação comum e por diferenciações específicas. Seria interessante, além disso, reunir em um *corpus* os objetos de medição mais comuns e submetê-los a uma análise semiótica. É provável que algumas constantes na representação da medida apareçam e que, através dos estudos dessas constantes, se possa compreender melhor as implicações científicas e ideológicas da noção mesma da medida.

Se entre os instrumentos de medição o relógio ocupa um lugar privilegiado, isso depende, em grande parte, da particularidade e da importância da grandeza que ele mede: o tempo. Desde sempre, e não somente na história da civilização ocidental, que a medição do tempo se constitui um risco ao mesmo tempo cultural e político. Dispor da medida, decidir qual é o modelo teórico legítimo e o sistema técnico apropriado, controlar e regular a difusão dos conhecimentos que deles emanam. Aí está toda uma série de atividades que estão sempre reservadas a um grupo restrito e poderoso no interior do corpo social. Frequentemente, são os grupos religiosos que se outorgam este privilégio e que fazem disso um meio de sua legitimidade e de sua influência. Não custa lembrar que todas as grandes religiões monoteístas têm suas próprias maneiras de mensurar o tempo e de fixar o ponto de partida da história.

Antes de abordar a análise semiótica dos relógios contemporâneos, será, pois, essencial reposicionar esses objetos, que estão em grande parte banalizados em nossos dias, na moldura histórica e sócio-cultural da medição do tempo e dos sistemas de representação dessas medidas. Com efeito, antes de conseguir a representação enunciativamente “neutra”, “objetiva”, típica de um certo tipo de relógios modernos, o discurso sobre o tempo serviu-se das linguagens mais indiretas e esquivas. Apanágio de uma casta de sacerdotes ou mandarins, o discurso sobre o tempo se encobre de metáforas, se esconde atrás de oráculos, assume o tom apodítico da alegoria. Em uma palavra, a leitura do tempo é apresentada como se tudo fosse também difícil de ser medido. Para ler o tempo, é preciso ter uma senha de decodificação e um sistema de interpretação.

O surgimento dos instrumentos que servem para medir o tempo acrescenta aos pontos que serão abordados uma problemática que será aprofundada neste artigo: a da *materialização da medida*. Desde que se dispôs de um instrumento para efetuar uma medida, o problema que se pôs foi o de *se dar uma forma a este instrumento*. Trata-se de conferir uma intensidade ao tempo, de inscrevê-lo em um objeto, caracterizado inevitavelmente pelas propriedades fenomenológicas: dimensão, forma, profundidade, densidade, etc. Da ampulheta ao pêndulo, passando pelo meridiano e pelo relógio do campanário, a história da medida do tempo é rica em versões e soluções diferentes do mesmo problema fundamental: medir o tempo no espaço, o representar em um objeto do mundo natural e lhe atribuir, dessa forma, as características observáveis e analisáveis.

3 – O surgimento do relógio de pulso

O universo dos instrumentos criados pelos homens para medir o tempo é evidentemente muito amplo para ser abordado em um curto artigo. Nossa escolha será, então, limitada aos relógios de pulso e a análise será restringida ao século XX. Esta escolha, naturalmente, não é mais neutra. Ela depende de um duplo objetivo: de uma parte, medir em evidência as transformações concretas e observáveis que irão caracterizar a história recente do objeto-relógio; de outra parte, mostrar que o estudo dessas transformações permite compreender melhor a geografia semântica e a evolução da noção de tempo e da temporalidade no seio da cultura ocidental. Em um certo sentido, se considerará a totalidade das propriedades fenomenológicas dos relógios como o plano de expressão de uma função semiótica² cujo plano de conteúdo se constituirá pelas diferentes acepções, ideologias e valores sociais atribuídos ao tempo a diferentes épocas em nossa sociedade. É este destaque sobre a evolução dos dois planos, o da expressão e do conteúdo, assim como o interesse

ocasionado pelas implicações sócio-culturais dessa evolução, que caracterizarão a natureza sociossemiótica de nossa análise.

A história das origens do relógio de pulso é bastante nebulosa. Não nos deve parecer inútil recordar que este objeto nasce do reencontro de dois objetos já existentes e representam cada um sua própria história, mais ou menos longa, e sua própria identidade, mais ou menos bem definida. Esta precisão é importante porque ela nos permite clarificar um ponto crucial: *a história sociossemiótica dos relógios é largamente independente de sua história técnica*. O conjunto dos conhecimentos estritamente técnicos, necessários à concepção e à montagem de um relógio suficientemente pequeno para se atar de maneira mais ou menos estável a uma pulseira, estava já disponível bem antes que o relógio de pulso se tornasse um objeto de uso corrente. Lá pelo final do século XVI, o nível de miniaturização atingido pelos relógios permitia já a fabricação de relógios-anéis e de relógios que se podia fixar em um cabo de espada. Em *O relógio de pulso: cem anos de história*³, os autores citam um presente ofertado pelo Conde de Leicester à rainha Elizabeth I: um pequeno relógio redondo, encravado de pedras preciosas e preso a um *armlet* ou na tradução do inglês para o francês: pulseira. Isto aconteceu em 1571.

Não obstante sua possibilidade técnica, os relógios de pulso só começaram efetivamente a circular quase a partir do final do século XVIII e, ainda assim, este era usado muito mais como um adorno de joalheria para o braço do que como um verdadeiro instrumento de medição. Segundo os autores de *Os relógios de pulso*, “se teve a primeira referência exata ao relógio de pulso, mais precisamente ao relógio carregado enlaçado no braço, em 1790, em um livro de contas da empresa genovesa Vaquet-Droz & Leschot”⁴. Esta precisão histórica é importante porque ela nos permite destacar que, ainda que tecnicamente possível, o relógio de pulso só começa a se desenvolver quase no final do século XVIII, no momento mesmo que a revolução industrial reestrutura, profundamente, a noção de temporalidade e introduz as novas necessidades na mensuração do tempo.

Durante e ao longo do século XIX, a revolução industrial opera uma mudança radical na dialética entre tempo social e tempo individual. Para um tempo litúrgico, diferenciado e construído sob medida para os principais eventos religiosos, substituiu-o um *tempo laico e secular*, fundado sobre uma organização racional e sobre a fundamental equivalência de todo período de duração comparável. Para um tempo *natural e extrínseco*, inspirado por um ciclo sazonal ou pelo movimento do Sol, substituiu-o um *tempo industrial*, determinado pelas necessidades intrínsecas de produção e de produtividade. A passagem do campanário da igreja à sirene da usina sanciona essa nova normatividade temporal. Finalmente, a um tempo *flexível e contínuo*, próprio ao ritmo do artesão e ao homem contemplativo, a revolução industrial introduz um *tempo rígido e descontínuo*, necessário à fragmentação das tarefas e à nova organização do trabalho.

Se o relógio de pulso acompanha desde o seu nascimento o desenvolvimento da revolução industrial, este não será mais que um dos protagonistas nessas primeiras fases. Durante todo o século XIX, o relógio de pulso apresenta-se ainda, essencialmente, como um objeto decorativo e com difusão limitada, sobressaindo menos como um objeto funcional. Este é sobrepujado em seu papel pelo *relógio de bolso*, que permanecerá, inclusive, até a primeira guerra mundial como único tipo de relógio individual. Mas a partir do século XX, o sucesso do relógio de pulso é fulgurante. No espaço de um só decênio, este ganha a competição contra o relógio de bolso, condenando este último a um rápido desaparecimento e, ao mesmo tempo, o relógio de pulso impõe-se definitivamente como o único instrumento individual de medição do tempo em difusão massiva. É interessante de notar que o sucesso do relógio de pulso se fixa, por assim dizer, malgrado os produtores e relojoeiros da época, que continuarão a sustentar a superioridade do relógio de bolso e que não se submetem, por pura má vontade classista, à realidade incontestável da demanda dos consumidores. O relógio de pulso se torna finalmente e definitivamente em um objeto de consumo de massa.

4 – O relógio de pulso no século XX

A modificação do contexto sócio-cultural e econômico está estritamente ligada à rápida afirmação e difusão do relógio de pulso (doravante dito relógio em todos os sentidos). Para simplificar um pouco, se pode dizer que esta difusão é, em parte, atribuída a uma *mudança da*

qualidade do tempo. Na primeira fase da industrialização, ainda que recatada e secularizada, no tempo restante contudo esta difusão ganhou com folga uma grandeza e um valor coletivos. Mas a partir do século XX e, sobretudo, após a grande guerra, a atividade econômica é então pulverizada, fragmentando-se, notadamente, em conseqüência do desenvolvimento das atividades de serviço e dos novos comportamentos sociais, através dos quais é muito mais importante se conhecer os imperativos de precisão e de pontualidade e de como se adequar a essa nova ordem. Ordem que traz em seus ditames as viagens, os encontros (no sentido de reuniões de negócios), os espetáculos, o lazer. Todas as atividades típicas das novas classes médias serão fortemente associadas a uma medida, ou melhor, a um reconhecimento do fluxo temporal e a um respeito individual de sua segmentação social.

O tempo, pois, a partir do início deste século, se funcionaliza, se objetiva e se individualiza. Sem perder, entretanto, suas profundas valências simbólicas. A aquisição de um relógio por parte de um indivíduo e, notadamente, de um primeiro relógio, o faz submisso, ainda em nossos dias, a alguns rituais de acesso que marca fortemente o *status* antropológico do indivíduo. Nos países católicos, por exemplo, a aquisição do primeiro relógio está estritamente ligada ao rito de passagem da primeira comunhão, no qual o indivíduo é admitido por plenos direitos na comunidade dos adultos. O relógio é, nesse caso, sempre um dom. Ele é ofertado, normalmente, pelo padrinho e constitui-se, simultaneamente, como um instrumento de escritura – classicamente uma caneta –, o signo de aquisição pelo sujeito de seu novo estatuto. O relógio será doravante a sua caneta, por assim dizer, e terá o mesmo papel funcional e simbólico – marcar a passagem, sancionar a qualidade da nova identidade que terá na cultura, não o de um sábio nos objetos sacros e guerreiros (máscaras, ídolos materiais, armas), cuja aquisição marca a passagem ao estatuto de homem, de guerreiro ou de iniciado.

Objeto sensível de nossa *épistémè* sócio-cultural, lugar de cristalização de sistema de valores e de uma ideologia, o relógio adquiriu neste século um peso e uma importância sem precedentes. Isto porque nós nos dedicamos atualmente a nos debruçar de uma maneira mais analítica sobre as mudanças – estéticas, técnicas e plásticas – que têm caracterizado a evolução deste objeto nos sessenta últimos anos. E partindo da hipótese de que as mudanças sociais e culturais têm um impacto sobre a maneira de conceituar a temporalidade e a forma de medir, a nós parece plausível que a aceleração da mudança social típica deste século deve encontrar um reflexo nas modificações dos instrumentos consagrados à medição do tempo individual. Paralelamente e de maneira reflexiva, a interrogação desses objetos, que atingiram um auge que nos faz procurar refúgio nas ferramentas de análise colocadas à disposição pela semiótica, que deverá nos ajudar a melhor compreender, a partir do domínio da temporalidade, nosso ambiente sócio-cultural.

5 – As categorias pertinentes ao plano de expressão

Os relógios, enquanto objetos, pertencem a uma semiótica do mundo natural⁵. Nossa caminhada analítica consistirá essencialmente de três fases, que nós tentaremos distinguir muito bem, com cuidado e clareza. A primeira fase concerne à observação do plano de expressão do corpus⁶. A segunda fase abordará uma classificação do corpus a partir das indicações manifestadas na primeira fase. A terceira fase, enfim, explicitará os elementos do plano de conteúdo articulados pelas classificações e, a partir dessas, aprofundar as implicações axiológicas.

Imaginamos reunir, organizando sobre um mostruário, um exemplar representativo de relógios produzidos desde os anos 30 até os nossos dias. A primeira impressão será, sem dúvida, aquela de uma variedade infinita de modelos e de formas, e de impossibilidade de qualquer tipologização. Como proceder? Qual o critério a ser utilizado para distinguir os relógios? A precisão? A data de construção? O preço? Todas essas classificações são, bem entendidas, possíveis e mesmo efetivamente utilizadas pelos profissionais e colecionadores, a fim de estabelecer as estatísticas de produção e de venda ou de fixar o valor de uma peça particularmente bela ou rara. Mas o nosso cuidado não é comercial e nem estético. Esse cuidado é muito mais semiótico, ou melhor, sociosemiótico. Neste sentido é necessário passar por uma observação dos componentes plásticos e figurativos do nosso corpus, a fim de pôr em evidência os elementos ou as categorias pertinentes para uma segmentação do plano de expressão. Estes componentes são em número de oito, a saber:

- A relação *caixa/pulseira*. Fundamentalmente essa relação é de dois tipos: de continuidade ou de descontinuidade. Só existe continuidade quando a pulseira aparece como continuação natural do relógio. Um mesmo material, uma mesma maneira de trabalhar ou uma mesma cor poder induzir esses de continuidade. A descontinuidade aparece como uma clara distinção entre essas duas peças constitutivas do objeto. Nesse caso, a descontinuidade pode estar marcada por uma mudança de material, de cor ou por um sistema de junção voluntariamente aparente. Uma variante da descontinuidade é a possibilidade da caixa se destacar completamente da pulseira e de se associar a uma outra ou mesmo a um outro sistema de engate.
- *A forma da caixa*. Essencialmente, as caixas são redondas ou quadradas. Na maioria dos casos, as outras formas observadas não são mais que variações advindas dessas duas figuras geométricas primordiais, como as formas ovais e as retangulares. É preciso assinalar em todo caso que, mesmo raramente, se observa caixas triangulares ou até em forma de estribo, no qual se deduz que o caixilho do relógio esteja sobre uma lâmina metálica curva por sobre o pulso e a pulseira.
- *O material utilizado*. No que concerne à caixa, podemos reagrupar os materiais em três classes: o aço e as suas diferentes ligas, os metais preciosos, com destaque para o ouro branco ou amarelo, e ainda a platina e os de matéria plástica. Já as pulseiras, estas permitem uma enorme variedade de materiais: observando-se notadamente diferentes tipos de peles (couro, crocodilos, lagartos, etc) e diferentes tipos de tecidos (seda, linho, jeans, etc).
- *As funções*. Elas podem ser muito simplificadas, se limitando a dar corda no relógio ou adicionar bateria, quando movidos por essas, mas também múltiplas e muito complexas: cronometragem, contar minutos e segundos, contagem regressiva, contar as fases lunares e solares, calendário dos dias, meses, anos, etc. Certos relógios possuem também uma função de despertador, são programados para emitirem "bips" ou um sinal sonoro qualquer no momento desejado e, podem ainda, ter integrada uma pequena calculadora. Do ponto de vista da observação, é importante não somente identificar a quantidade e os tipos de funções, mas também a maneira como elas são assinaladas no relógio (multiplicação interna dos quadros ou *frames* digitais, quantidade e tipos de botões e de teclas, etc).
- *A visibilidade*. A visibilidade é uma categoria complexa. Esta pode não estar diretamente relacionada com a caixa e, neste caso, essa significa através de um acesso mais ou menos facilitado e direto ao conteúdo dessa mesma caixa. Mas essa pode também estar relacionada ao mecanismo do relógio e, nesse caso, a significação se dá pela total transparência da caixa ou mesmo por uma transparência parcial.
- *A legibilidade*. Uma caixa de relógio pode ser a rigor muito visível, porém pouco legível. A legibilidade se mede pela capacidade de leitura das horas ou de outras informações disponíveis. Variável do plano de expressão dificilmente objetivável, o nível de legibilidade é largamente uma questão de percepção individual. Se pode, contudo, observar, e isto é importante para a continuidade de nossa análise, que certos relógios brincam com a legibilidade e que essa, por sua vez, obrigará o objeto a tomar uma posição meta-enunciativa sobre a temporalidade.
- *A decoração*. No que diz respeito à decoração, muito mais possibilidades deverão ser consideradas, muito além de sua ausência total até a utilização de cor, de desenhos, de figuras e de outros motivos decorativos mais ou menos em relação com o relógio e o universo de sua temporalidade. Se verá que o recurso massivo à decoração e a uma certa estetização do objeto-relógio são variáveis importantes na classificação proposta do corpus.
- *A localização*. O relógio é colocado tradicionalmente no pulso. No esquerdo, preferencialmente. Mas, em algumas ocasiões, a observação do corpus tem mostrado que outras localizações são possíveis e que elas são pertinentes em termos de efeitos de sentido.

A operacionalidade desta segmentação do plano de expressão do objeto-relógio é dupla. De um lado, ela vai nos permitir identificar três classes de relógios e de justificar nossa escolha tipológica. De outro, ela permitirá, no interior de cada classe identificada, estabelecer uma relação entre os elementos selecionados do plano de expressão e os elementos correspondentes do plano de conteúdo, que nós voluntariamente não abordamos até agora. Com efeito, cada elemento individualmente considerado poderá ser associado a um conteúdo. Esse elemento poderia ser tratado como signo, em seguida, se explicitará sua conotação. Nesse sentido, se poderá dizer que um relógio de ouro é um símbolo de riqueza (do proprietário) e conota *status* e êxito social. Ou que um relógio-cronômetro é um signo de precisão e conota modernidade e alta tecnologia. Mas é exatamente esse tipo de abordagem que nós estamos querendo evitar. Um relógio pode ser de ouro, mas também pode ser legível e apresentar uma descontinuidade entre a caixa e a pulseira. Um outro relógio pode ser digital em seus mecanismos de funcionamento, muito legível e ser de aço. *Somente levando em conta a totalidade dos elementos pertinentes ao plano de expressão, que nos será permitido observar as relações que se estabelecem com o plano de conteúdo e descrevermos a função semiótica que dele decorre.* E é apenas sob essa condição que o sentido pode ser apreendido e a partir do qual tornar-se significação.

Nós organizamos o corpus analisado em três tipologias, cada uma delas marcando uma relação diferente na questão da temporalidade: os relógios referenciais, os relógios enuncivos⁷ e os meta-relógios.

6 – O relógio referencial

Trata-se do relógio que dominou a produção entre os anos trinta e sessenta. Em certo sentido, ele coincide com a noção de relógio de pulso, ele é, sob vários aspectos, um ícone (ver foto). É esse tipo de relógio que decreta o declínio do relógio de bolso e que impõe definitivamente o uso do relógio de pulso. No que concerne à segmentação do plano de expressão, o relógio referencial é caracterizado por uma clara descontinuidade entre a caixa (habitualmente em aço) e a pulseira (em couro, na maioria dos casos). O mostrador é redondo ou, menos frequentemente, retangular. A visibilidade do mostrador é máxima, de maneira a conferir legibilidade à consulta das horas. Todas as horas são marcadas no interior do mostrador, seja por ponteiros (frequentemente romanos), seja por outros meios. As funções deste tipo de relógio são reduzidas ao essencial: as horas, os minutos e normalmente mostram os segundos. Uma só rosca fica aparente sobre a borda do mostrador, na altura de três horas. As formas e as cores são sempre muito clássicas e sóbrias: cor de aço, bege e couro cru. Nenhuma decoração aparece sobre o mostrador ou algures. O relógio referencial é usado invariavelmente no pulso esquerdo e na maioria das vezes pelos homens.

Que tempo mede esse tipo de relógio? Quais valores sócio-culturais o articulam? A nós parece que o relógio referencial está essencialmente preocupado em mostrar sua objetividade de instrumento de medição, sua capacidade de reproduzir o tempo sem nele introduzir nenhuma nota de personalização nem de manipulação. Recordamos que mesmo se ainda hoje esse tipo de relógio é extremamente corrente, os seus anos de ouro foram dos anos trinta ao sessenta². Este é o período da segunda revolução industrial, uma época caracterizada, no nível das classes médias, pelos comportamentos conformistas e por um sólido consenso social. O tempo, neste contexto, é uma dimensão objetiva sem nenhuma ilusão de se pôr em discussão ou, ainda menos, a subjetivizar-se. *O relógio referencial exprime perfeitamente, nesse ponto de vista, certa significação de temporalidade externa ao indivíduo, fora de seu controle e não negociável.* O relógio referencial com seu desenho depurado, suas formas discretas, sua leitura imediata, seu cartaz, para parafrasear Barthes, como o nível zero do relógio, um meio isento que, atado ao pulso do indivíduo, lembra-lhe constantemente a objetividade do fluxo temporal. E nesse sentido, *o relógio referencial não é de modo algum, para o indivíduo, um instrumento de supremacia do tempo.* Ao contrário, ele aparece como um instrumento inexorável de registro e de explicação de uma objetividade que escapa e ultrapassa a autoridade individual.

A dialética entre visibilidade e legibilidade é nesta consideração emblemática. O relógio referencial esforça-se para ser sempre extremamente legível. Seus mostradores são claros, bem



Montre référentielle

² N.T. – O autor se refere aos anos 30 e 60 do século passado (XX)

estruturados. Tudo ali está disposto de maneira a propiciar a leitura das horas tão facilmente e imediatamente que esta termina por parecer natural. Não mais o resultado de uma operação cognitiva e de uma medição instrumental, mas sim, e melhor, uma simples transposição sobre um mostrador de uma ordem natural e muito de si mesma. De maneira significativa, o mecanismo de funcionamento neste tipo de relógio nunca é mostrado. A uma legibilidade máxima dos resultados corresponde uma visibilidade mínima dos mecanismos que produzem esses resultados. Trata-se de uma manipulação semiótica bem conhecida que visa, ao esconder as operações de produção do sentido, reforçar o efeito real desse mesmo sentido. Um efeito completamente apresentado em etapa, como vimos, junto a um contexto sócio-cultural onde a gestão do tempo é subtraída da autoridade individual.

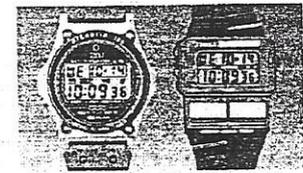
7 – O relógio enuncivo

Este tipo de relógio obteve um sucesso importante durante os anos setenta, por conseguinte viu-se sua difusão rapidamente. Esse tipo de relógio é facilmente reconhecível, sobretudo o seu mecanismo de funcionamento, digital, e ainda ao fato que este tem o painel das horas montado sobre um *display* de cristais líquidos.

A nós parece importante, contudo, notar que essa característica está acompanhada de numerosas outras dimensões do plano de expressão que lhes são próprias. A relação caixa/pulseira é muito marcada pela continuidade do que pelo seu inverso. A continuidade é, sobretudo, ligada ao material, normalmente de aço, utilizado tanto para a caixa quanto para a pulseira. A forma é freqüentemente retangular, com ângulos quadrados e uma espessura importante. Com efeito, mais que um retângulo, seria melhor dizer, neste caso do relógio enuncivo, um paralelepípedo. As funções presentes neste tipo de relógio são freqüentemente numerosas e quase sempre altamente sofisticadas. Elas se fazem significar por uma infinidade de botões e de teclas dispostas nos mais diversos lugares: na frente, atrás ou sobre as bordas da caixa. A legibilidade é facilitada pelos mostradores digitais, porém a visibilidade pode ser dificultada por causa da luminosidade. Por sua vez, a amostragem das horas só se faz quando se demanda por eles e isto é feito simplesmente tocando-se a tecla correspondente. A decoração é praticamente inexistente e a localização usual desse tipo de relógio é a mesma da dos relógios referenciais, ou seja, sempre no pulso esquerdo.

A surgimento do relógio enuncivo no início dos anos setenta é ao mesmo tempo muito interessante que, por causa da sua forma e organização do plano de expressão, ele encarna e significa a tentativa de quebrar uma simples lógica de representação do tempo para *instaurar uma verdadeira supremacia da temporalidade por parte do indivíduo*. Uma vez mais, é importante recolocar a análise no contexto sócio-cultural de sua época. Nós estamos em um período dominado por uma forte confiança nas capacidades e nas potencialidades da tecnologia, notadamente na da tecnologia eletrônica, ainda em pleno desenvolvimento. Se sonha com um computador capaz de pensar e com máquinas cada vez mais flexíveis e ajustadas às necessidades individuais. Paralelamente, o desenvolvimento do individualismo anima uma demanda social cada vez mais constituída de subjetividade e de manipulação pessoal. O relógio enuncivo se insere perfeitamente neste movimento sócio-cultural. A multiplicação das funções possíveis torna o indivíduo protagonista e interativa a sua relação com a temporalidade. Ao mesmo tempo, teclas, *displays*, cristais líquidos e outros significantes prestam seu tributo à admiração tecnológica do momento.

O relógio enuncivo permite a relativização e uma aparência de dominação do tempo. O tempo está relativizado porque sua medida encontra-se associada a numerosas outras funções (de cálculo, de memorização, de despertar, etc). Ele está dominado porque está submetido a uma série de procedimentos e de manipulações totalmente controladas pelo indivíduo. A perfeita circularidade do relógio clássico se encontra aqui invertida. O tempo, ou pelo menos, seu significante, pode ser parado, ativado, disparado, ser remontado e acelerado... O relógio referencial pretenderia ser um simples meio, a pura representação de uma realidade objetiva, no seu interior não há intervenções pontuais advindas de um indivíduo. O relógio enuncivo, bem ao contrário, parece conter o tempo no interior de seus circuitos, ele parece o produzir, lhe dar vida e expressão. Este relógio é enuncivo no momento em que



Montre énoncive

ele demonstra o seu papel ativo na produção da temporalidade e, ao mesmo tempo, integra a participação do indivíduo no sentido de colocá-lo em movimento a partir da manipulação de seus botões. Mas a conquista da fala do indivíduo, seu papel ativo oriundo dos efeitos semióticos articulados sobre o plano da narração, da enunciação enunciada. Dele nos resta menos que a diferença em relação à estratégia semiótica do relógio referencial, é nítida. E até mesmo para a conceitualização da temporalidade induzida por uma tal estratégia: uma temporalidade, certamente, na qual não se reporta mais à causa dos fundamentos e da universalidade, mas que torna-se, contudo, mais apropriada e mais individual.

8 – O meta-relógio

Este terceiro tipo de relógio está também ligado a um contexto histórico específico. Se poderá dizer que este tipo marca uma estação de passagem, algo assim como uma interseção entre este e o relógio enuncivo, porque ele só começou a ser difundido quando o outro já havia desaparecido. O meta-relógio, na verdade, aparece na primeira parte dos anos oitenta e está ainda em pleno progresso. No que diz respeito à organização do plano de expressão, ele é caracterizado por uma forte continuidade entre a caixa e a pulseira.

A continuidade está significada por muitos suportes expressivos: continuidade do material (uso do plástico), continuidade da cor e do motivo da decoração. A forma do mostrador é circular, como nos relógios referenciais e suas funções, redutíveis ao essencial, significam de uma maneira muito discreta. Normalmente, somente a função de assinalar as horas está presente, porque a carga que o move é assegurada por uma pilha embutida na caixa. É ao nível da visibilidade e da legibilidade do tempo medido que o meta-relógio marca sua mais forte especificidade e a sua vocação metalingüística. Com efeito, a decoração e o recorte detalhado do mostrador ocasionam freqüentemente um rendimento muito árduo. O que torna a visão das horas, neste caso, de difícil leitura, quase impossível. As agulhas dos ponteiros na mesma cor que o fundo, a



Meta-montre

ausência de marcas sobre o mostrador, o deslocamento dos ponteiros ou o seu total desaparecimento ocasionam uma dificuldade de leitura que é parte integrante do conceito do meta-relógio. Ao lado desta ilegibilidade, se assinala significativamente um cuidado de visibilidade do próprio relógio e, freqüentemente, do próprio mecanismo de funcionamento. A caixa, por exemplo, pode ser inteiramente transparente e mostrar o mecanismo em ação. A decoração se utiliza de cores vivas e de motivos insólitos. O que faz do meta-relógio um objeto que dificilmente passa despercebido. Assinala-se, enfim, que este tipo de relógio pode também ser usado em outras partes do corpo, ser encaixado na roupa como se fosse um broche, como brinco ou como anel, ou ainda como uma argola. Por quê nós temos chamado esse tipo de relógio de um meta-relógio? Porque parece que sua principal especificidade e diferença com relação aos outros dois tipos de relógios descritos, consiste exatamente no fato de *assumir a temporalidade, o tempo e sua medida como objeto de um discurso de segundo nível*, como um universo sobre o qual recai um outro olhar, por vezes crítico, freqüentemente irônico, de toda maneira metalingüístico. Uma vez mais, recolocamos a aparição do meta-relógio no contexto sócio-cultural. A partir dos anos oitenta, o tempo é um *vir-a-ser*, com uma amplitude desconhecida no passado, um dos sujeitos dos discursos sociais. À personalização, à individualização e à subjetivização do tempo, se agrega um discurso científico e cultural novo, que põe em crise o tempo como grandeza mensurável e única *para sublinhar, bem ao contrário, a multiplicidade das concepções da temporalidade e, por conseqüência, a multiplicidade das possibilidades de medi-la ou de simplesmente apreendê-la*⁸. Ao lado dos tempos dos engenheiros e dos físicos, se admite, entre outros, o tempo biológico, o tempo do conhecimento e aquele da emoção. O reconhecimento da coexistência de muitas outras temporalidades na vida dos indivíduos e de seus impactos diferenciados sobre os comportamentos sociais, faz do tempo uma dimensão complexa e um sujeito de análise sociológica e antropológica.

É no interior desse quadro que se situa o desenvolvimento do meta-relógio. A abolição da descontinuidade entre caixa e pulseira, de forma que a estetização evidente do objeto, apreendida como um todo, mostrem assim, de maneira explícita, essa tendência de fazer do relógio um objeto de decoração, dando relevo muito mais a uma expressão pessoal a que uma preocupação de se

medir o tempo. Além disso, a explicação dos mecanismos de funcionamento do relógio, juntamente com a sua legibilidade desordenada, mostra *um deslocamento do campo da precisão e da clareza versus aquele do gosto e do jogo*. Mas, sobretudo, o discurso metalingüístico incorporado neste tipo de relógio *explicita a relativização do acesso ao tempo e o questionamento da possibilidade mesma de estabelecer uma medida objetivável e não enunciativa do tempo*.

Se convocou este meta-relógio para pôr em relevo *sua tomada de posição crítica sobre o conceito de tempo e de temporalidade*. Se isso é um fato, se pode também chamá-lo de não-relógio com a finalidade de assinalar a radical diferença deste com o relógio referencial, onde esse questionamento não é sequer mais considerado, e em relação ao relógio enuncivo, onde a apropriação individual do tempo fica inscrita no interior de um reconhecimento não problemático da existência de uma grandeza única, objetivamente mensurável e comum a todos. O meta-relógio, com sua posição metalingüística, não se limita mais a se pôr em discussão ou a uma subjetivização mais ou menos radical da grandeza do tempo. Ele transforma o objeto mesmo, e a idéia de tempo que a ele está associada, em um possante motor semiótico, capaz de gerar um número potencialmente infinito de discursos e de imaginários. Neste sentido, *cada meta-relógio fala, por sua vez, de uma concepção do tempo e da identidade do indivíduo que aceita uma tal concepção do tempo em função da escolha desse relógio*.

9 – Conclusão

Toda tipologia é caracterizada por ser criticada pelos contra-exemplos, nós o sabemos bem. O que menos resta a saber é que uma tipologia é útil na medida em que ela ajuda a melhor discernir e a melhor conceitualizar uma problemática. Em quaisquer observações que por ventura tenhamos avançado neste artigo, estas mesmas estarão bem longe, evidentemente, de esgotarem a reflexão sobre as representações do tempo em nossa cultura do nosso século. Nosso objetivo foi, muito modestamente, mostrar que essas representações poucas vezes se cristalizam nesses objetos e que a interrogação desses objetos pode ajudar a dizer mais sobre suas próprias representações. O movimento é inevitavelmente circular e reflexivo. É bastante considerar os objetos como textos e uma grande parte como instrumentos de análise, possibilitados pela semiótica, se revelaram pertinentes.

O relógio, enquanto objeto, não deveria ser estudado e analisado como um signo. Nós esperamos que a análise tenha mostrado claramente que a associação mais ou menos arbitrária de um significante a um significado não permite dizer nada sobre um objeto. E ele é ainda mais difícil de ser abordado por uma análise feita a partir de suas pretensas conotações ou das que, por ventura, lhes sejam atribuídas. Muito pelo contrário, signos e conotações são os efeitos de superfície, os resultados finais de um percurso de significação que ele faz reconstruir e situar. Dessa forma, o valor de um metal ou o estetismo de um motivo de decoração não significam nada se eles não forem re-situados na totalidade dos elementos que constituem a segmentação global do plano de expressão e do plano de conteúdo de um dado fenômeno. Somente relacionando essas duas segmentações é que será possível reconstruir a semiose e alcançar os signos e as conotações.

Para concluir, uma última palavra sobre a sociosemiótica. Com este estudo, nós pretendemos mostrar que a significação de um discurso objetual (se a nós é permitido assim nomear o *discurso produzido por um objeto*) para distinguir do *discurso superficial/ténue sobre o objeto*, não pode ser reconstruído fora do quadro histórico e sócio-cultural ao qual pertence. Nesse sentido, uma abordagem puramente imanente nos parece redutiva e, de toda maneira, impraticável. Mas uma sociosemiótica não poderia se limitar a somente levar em conta o contexto sócio-cultural ou o estudo dos fenômenos de significação que estão promovendo um impacto social. Em nossa opinião, a abordagem sociosemiótica deve passar pela análise pontual e detalhada dos textos sociais (como o dos objetos, por exemplo), aspirar tornar-se reflexão sobre os mecanismos de funcionamento dos discursos, fazer análise crítica das semioses sociais, pesquisar as causas e os efeitos da circulação do sentido entre os homens.

Notas

1. É, com efeito, Jean Baudrillard o primeiro a pôr em discussão a concepção economicista do objeto, com a finalidade de assinalar a sua natureza comunicativa. Falta, contudo, a Baudrillard uma teoria da

- significação que lhe permita dar conta do poder comunicativo que ele atribui aos objetos. Cf. J. Baudrillard, *Le Système des objets*, Paris, Gallimard, 1968.
2. A referência aqui é à semiótica de Hjelmslev. Para esse autor, a função semiótica é resultado da colocação em relação de um plano de expressão e de um plano de conteúdo, e não somente de um elemento isolado de um plano com um elemento isolado do outro. L. Hjelmslev, *Prolegomènes à une théorie du langage*, Paris, Minuit, 1968-1971.
 3. Kahlert, Mühler et Brunner, *Les Montres-bracelets, Cent ans d'histoire*, Paris, Bibliothèque des Arts, 1985.
 4. *Ibid.*, p. 10
 5. Para uma definição desse conceito semiótico, cf. A. J. Greimas, *Du Sens*, Vol. I e II, Paris, Seuil, 1970 et 1983.
 6. O corpus analisado diz respeito aos relógios comercializados na Europa a partir dos anos trinta.
 7. Para uma discussão sobre a diferença entre enuncivo e enunciativo, cf. início "Énonciation", em J. Courtés et A. J. Greimas, *Sémiotique II*, Paris, Hachette, 1986, p. 75.
 8. Uma leitura a esse respeito é a interessante análise do fenômeno comercial dos relógios Swatch, em Brognara, Gobbi, Morace, Valente, *I boom Prodotti e società degli anni ottanta*, Milano, Lupetti & Co., 1990.

Vitória, 24 de julho de 2002